

"Reaquecimento virá só com o declínio das taxas de inflação"

por Vera Saavedra Durão
do Rio

"Só com a queda da inflação terá início um processo de reaquecimento econômico no País. Isto é o que todos desejam." A declaração foi feita, ontem, pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Albano Franco, após considerar que, neste ano, até o momento, a economia brasileira ainda não registrou "sinais sensíveis de reativação". O vice-presidente da entidade e presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho, acredita numa tendência caindo da espiral inflacionária a partir deste mês e previu uma taxa de 9%, diante dos quase 13% de inflação em fevereiro: "Se tivermos uma inflação de 9%, ou em torno de 9%, em março, e esta queda se repetir em abril, não teréi dúvidas de que se estará restabelecendo a confiança na política econômica do País", afirmou.

Tanto Vidigal quanto Albano Franco não dispuñham de dados sobre o desempenho da indústria, nos dois primeiros meses deste ano.

O presidente da CNI disse que o levantamento

dos números referentes à produção industrial, no período referido, está na etapa final e, pelo que avaliou, "o único segmento industrial ligeiramente reaquecido, no primeiro bimestre, é o automobilístico". Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho afirmou que os estudos da FIESP estão a indicar que "o resultado foi melhor do que se esperava, mas, por enquanto, só posso referir-me a um estado de espírito omisso". O presidente da FIESP pretende participar de reuniões setoriais que o ministro do Planejamento vem realizando com presidentes de sindicatos empresariais para debater o comportamento dos diversos setores industriais. "Até agora, houve uma reunião em Brasília com vinte representantes de sindicatos e uma com industriais da indústria de bens de capital.

Os dirigentes da CNI comentaram as intenções da quinta carta enviada pelo governo ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e tanto Vidigal quanto Albano Franco não esperam que as autoridades econômicas baixem um novo pacote econômico a partir deste documento. O presidente da FIESP acredita que, "se o governo der

prosseguimento, com vigor, ao orçamento planejado, principalmente na área de gastos públicos, não tem dúvida de que não haverá "pacote novo". Já o presidente da CNI teme "um pa-

cote de medidas para apertar o cerco monetário", comentando que "torço e rezoo para que ele não venha, pois as empresas estão assfixiadas, principalmente as pequenas e médias".